

O IMPACTO DO AMBIENTE ALFABETIZADOR NO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E DA ESCRITA

Janaina Campos da Mota Gomes e Silva¹
Francisco Cardoso Mendonça²

RESUMO: O presente estudo analisa a influência do ambiente alfabetizador no desenvolvimento da leitura e da escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental, considerando sua relação com as práticas pedagógicas, a mediação docente e os processos de inclusão escolar. Fundamenta-se nas contribuições teóricas de Vygotsky (2007), Ferreiro e Teberosky (1999), Soares (2020), Freire (1989), Kleiman (2013) e Mortatti (2019), que compreendem a alfabetização como um processo social, histórico, cultural e interativo. O objetivo geral consiste em compreender de que maneira a organização do ambiente escolar contribui para o desenvolvimento das competências linguísticas das crianças em processo de alfabetização. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica, desenvolvida por meio de revisão integrativa da literatura, com análise de produções científicas publicadas entre 2019 e 2025 em bases indexadas como Scielo, Google Scholar e ERIC. A análise dos estudos foi organizada em categorias temáticas relacionadas ao ambiente alfabetizador, mediação pedagógica, inclusão escolar e multiletramentos. Os resultados evidenciam que ambientes alfabetizadores estruturados, aliados a práticas pedagógicas intencionais e inclusivas, favorecem significativamente a aprendizagem da leitura e da escrita, ampliando a participação dos estudantes e fortalecendo o desenvolvimento cognitivo e social. Observa-se, ainda, que a formação continuada dos professores e o uso de recursos diversificados contribuem para práticas mais contextualizadas e democráticas. Conclui-se que o ambiente alfabetizador ultrapassa a dimensão física da sala de aula, envolvendo relações sociais, cultura escrita, tecnologias e mediações pedagógicas fundamentais para a construção de uma alfabetização significativa.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Ambiente alfabetizador. Inclusão escolar. Prática pedagógica.

¹Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Mauá GO.

²Orientador do curso de Pedagogia da Faculdade Mauá GO.

ABSTRACT: This study analyzes the influence of the literacy environment on the development of reading and writing skills in the early years of Elementary Education, considering its relationship with pedagogical practices, teacher mediation, and inclusive educational processes. It is grounded in the theoretical contributions of Vygotsky (2007), Ferreiro and Teberosky (1999), Soares (2020), Freire (1989), Kleiman (2013), and Mortatti (2019), who understand literacy as a social, historical, cultural, and interactive process. The main objective is to understand how the organization of the school environment contributes to the development of children's linguistic competencies during the literacy acquisition process. This qualitative bibliographic research was conducted through an integrative literature review based on scientific publications indexed in databases such as SciELO, Google Scholar, and ERIC between 2019 and 2025. The analysis was organized into thematic categories related to literacy environments, pedagogical mediation, inclusive education, and multiliteracies. The findings indicate that structured literacy environments, combined with intentional and inclusive pedagogical practices, significantly enhance reading and writing learning, increasing student participation and strengthening cognitive and social development. Furthermore, continuing teacher education and the use of diversified resources contribute to more contextualized and democratic educational practices. It is concluded that the literacy environment goes beyond the physical classroom structure, encompassing social relationships, written culture, technologies, and pedagogical mediation that are essential for meaningful literacy development.

Keywords: Literacy. Reading and Writing. Literacy Environment. Inclusive Education. Pedagogical Practice.

1 INTRODUÇÃO

A maneira como o espaço escolar é organizado influencia diretamente as experiências da criança com a leitura e a escrita, especialmente nos anos iniciais da alfabetização (SOARES, 2020; MORTATTI, 2019). Quando o ambiente educativo contém estímulos como livros, cartazes, rótulos, produções textuais e diferentes portadores de texto, a criança passa a compreender a função social da escrita, favorecendo a construção de sentidos para a leitura e para a escrita (KLEIMAN, 2013; FERREIRO; TEBEROSKY, 1999). A aprendizagem da linguagem escrita não ocorre de forma isolada, mas é construída por meio das experiências sociais vivenciadas no cotidiano escolar, das interações entre pares e da mediação realizada pelo professor (VYGOTSKY, 2007).

Nesse contexto, a presença de materiais diversificados, práticas pedagógicas significativas e situações reais de leitura e escrita contribui para despertar o interesse da criança pelo universo da cultura letrada (SOARES, 2020). Quando o ambiente favorece a curiosidade, a exploração, a interação e o uso social da linguagem escrita, ampliam-se as possibilidades de desenvolvimento das habilidades linguísticas desde os primeiros anos escolares (KLEIMAN, 2013; FREIRE, 1989). Dessa forma, o ambiente alfabetizador ganha destaque como elemento

fundamental para incentivar a participação ativa dos estudantes e promover experiências significativas de alfabetização e letramento (MORTATTI, 2019).

A organização do espaço escolar, a presença de materiais diversificados, as práticas pedagógicas e as interações mediadas pelo professor interferem diretamente no desenvolvimento das competências linguísticas dos estudantes. Quando a criança é inserida em um ambiente rico em estímulos, com acesso a livros, textos, produções visuais e situações reais de leitura e escrita, amplia-se a compreensão sobre as funções sociais da linguagem escrita e favorece-se o processo de alfabetização.

Entretanto, o cenário educacional contemporâneo ainda apresenta desafios significativos relacionados à construção de ambientes alfabetizadores efetivos, especialmente em contextos marcados pela limitação de recursos pedagógicos, desigualdades sociais e dificuldades na formação docente. Além disso, a inclusão de estudantes com necessidades educacionais específicas exige práticas mais acessíveis, flexíveis e contextualizadas.

Diante dessa problemática, o presente estudo busca responder ao seguinte questionamento: de que maneira o ambiente alfabetizador influencia o desenvolvimento da leitura e da escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

O objetivo geral consiste em analisar a influência do ambiente alfabetizador no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Como objetivos específicos, pretende-se: identificar práticas pedagógicas utilizadas no processo de alfabetização; compreender os fatores que dificultam a construção de ambientes alfabetizadores estimulantes; analisar os impactos dessas condições na aprendizagem dos estudantes; e discutir estratégias pedagógicas que favoreçam práticas inclusivas e significativas.

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza bibliográfica, desenvolvida por meio de revisão integrativa da literatura. A pesquisa bibliográfica permite compreender e analisar criticamente produções científicas já publicadas sobre determinado tema, contribuindo para a sistematização do conhecimento.

A coleta de dados ocorreu entre fevereiro e abril de 2026, a partir de buscas realizadas nas bases Scielo, Google Scholar e ERIC. Foram utilizados os seguintes descritores: “ambiente alfabetizador”, “alfabetização”, “letramento”, “educação inclusiva”, “prática pedagógica” e “multiletramentos”. Como critérios de inclusão, selecionaram-se artigos científicos, livros e documentos oficiais publicados entre 2019 e 2025, em língua portuguesa e inglesa, relacionados diretamente à temática da alfabetização e inclusão escolar.

Foram excluídos trabalhos duplicados, produções sem relação direta com o tema e estudos sem fundamentação científica consistente. Após a leitura exploratória e analítica das produções selecionadas, os dados foram organizados em quatro categorias temáticas: ambiente alfabetizador; mediação pedagógica; inclusão escolar; e tecnologias e multiletramentos.

A análise dos dados ocorreu por meio da técnica de análise temática, buscando identificar aproximações, divergências e contribuições dos autores acerca do impacto do ambiente alfabetizador no desenvolvimento da leitura e da escrita.

A relevância deste estudo está relacionada à necessidade de ampliar as discussões sobre alfabetização, letramento e inclusão escolar, considerando os desafios contemporâneos enfrentados pelas escolas e pelos professores. Além disso, a pesquisa contribui para reflexões acerca da importância da mediação docente e da organização pedagógica na promoção de aprendizagens mais democráticas e contextualizadas.

2 Fundamentação teórica

O processo de alfabetização e letramento é um dos pilares fundamentais da educação básica, sendo por meio dele que a criança adquire as competências necessárias para compreender e interagir com o mundo letrado que a cerca. Nesse contexto, o ambiente alfabetizador assume papel central, pois é nele que se constroem as condições físicas, sociais e simbólicas que favorecem o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.

O processo de aprendizagem não ocorre de forma isolada, mas se constrói nas relações sociais. Nesse sentido, “o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica...” (VYGOTSKY, 2007, p. 115), evidenciando a importância de um ambiente alfabetizador rico em interações e estímulos.

Pensar em alfabetização dentro da escola exige um olhar com mais cuidado para aquilo que envolve o aluno no dia a dia. Não se trata apenas de ensinar letras ou sílabas, mas de criar condições para que a criança se reconheça como alguém que pode interagir com a linguagem. Nesse sentido, o ambiente alfabetizador ganha força, já que influencia diretamente a forma como o estudante se aproxima da leitura e da escrita. Um espaço que valoriza a linguagem, que convida à curiosidade e que desperta o interesse, tende a favorecer um aprendizado mais significativo e menos mecânico.

Durante a formação em Pedagogia, torna-se cada vez mais claro que a criança aprende muito além das atividades formais. Quando ela circula por um ambiente com livros acessíveis,

produções expostas, palavras presentes em diferentes contextos e propostas que incentivam a participação, ela começa a construir hipóteses sobre a escrita de forma natural. Como aponta Ferreira (2001, p. 47), o processo de alfabetização não acontece de maneira passiva, mas envolve a construção ativa do conhecimento pela criança. Isso mostra que o ambiente precisa dialogar com essa construção, oferecendo estímulos reais e constantes.

Ao mesmo tempo, não dá para pensar nesse espaço sem considerar o papel do professor. A forma como o educador organiza a sala, propõe atividades e interage com os alunos faz toda a diferença. Um ambiente alfabetizador não nasce pronto; ele se constrói nas relações. Quando o professor escuta, incentiva, problematiza e valoriza cada tentativa, ele contribui para que o aluno avance com mais segurança. Nesse contexto, Freire (1989, p. 11) lembra que a leitura do mundo antecede a leitura da palavra, reforçando a importância de práticas que façam sentido para realidade da criança.

Além dos recursos materiais, o ambiente alfabetizador envolve também o clima emocional e as relações estabelecidas no espaço escolar. Um ambiente acolhedor, que valoriza o erro como parte do processo de aprendizagem, contribui para a autoconfiança e a curiosidade da criança. O professor assume um papel essencial nesse processo, atuando como mediador das aprendizagens ao propor atividades que realmente façam sentido para as crianças, estimulando o diálogo e a troca entre elas.

Ao organizar situações que desafiem o pensamento, ele contribui para que os alunos avancem na compreensão da linguagem de forma mais consciente. Nessa perspectiva, Freire (1989, p. 13) destaca que “a alfabetização não pode ser um ato mecânico, mas um ato de criação e recriação”, o que reforça a necessidade de práticas que valorizem a participação ativa do educando. Assim, o ambiente alfabetizador precisa ir além de atividades repetitivas, favorecendo experiências significativas nas quais a criança se reconheça como alguém capaz de compreender, interpretar e transformar a realidade em que vive.

Ainda sobre a perspectiva Freiriana outro aspecto relevante é a influência da cultura e do contexto social no qual a criança está inserida. O ambiente alfabetizador não se restringe à escola; ele se estende à família e à comunidade. Crianças que convivem com práticas de leitura em casa, como o hábito de ouvir histórias, ver os pais lendo ou escrever bilhetes, tendem a desenvolver maior familiaridade com a escrita. Contudo, nem todas as crianças têm acesso a esses estímulos, o que reforça o papel compensatório da escola em garantir um ambiente alfabetizador rico e democrático. É preciso que a escola ofereça oportunidades de contato com

diferentes gêneros textuais e promova práticas reais de leitura e escrita, respeitando o ritmo e as experiências prévias de cada aluno.

No contexto atual, as tecnologias digitais também ampliam as possibilidades do ambiente alfabetizador, o uso de recursos multimodais – como vídeos, jogos educativo, aplicativos de leitura e plataformas interativas – contribui para despertar o interesse e diversificar as experiências com a linguagem.

Segundo Rojo (2012, p.13), as práticas de letramento contemporâneas exigem que a escola incorpore novas linguagens e modos de ler, formando sujeitos capazes de atuar criticamente na sociedade digital. Assim, o ambiente alfabetizador precisa evoluir, articulando a cultura escrita tradicional com as novas formas de expressão e comunicação.

Contudo, um desafio constante é equilibrar a ludicidade e a intencionalidade pedagógica. O brincar, quando aliado a objetivos educativos, torna-se um poderoso instrumento de alfabetização. Jogos de palavras, cantigas, parlendas e dramatizações são práticas que favorecem o reconhecimento de letras, sons e estruturas linguísticas de forma prazerosa.

Em síntese, o impacto do ambiente alfabetizador no desenvolvimento da leitura e escrita é profundo e multifacetado. Ele não se limita à disposição física da sala de aula, mas abrange as relações humanas, os materiais didáticos, as metodologias e a cultura escolar como um todo. Um ambiente alfabetizador bem estruturado favorece a curiosidade, a autonomia e o prazer pela leitura, transformando a alfabetização em uma experiência significativa. Para que isso ocorra, é necessário que os educadores atuem como mediadores sensíveis e criativos, capazes de reconhecer as necessidades individuais dos alunos e promover práticas pedagógicas contextualizadas. Assim, a escola se consolida como um espaço vivo de construção do conhecimento, no qual aprender a ler e escrever significa também aprender a pensar, compreender e transformar o mundo.

2.1 Ambiente alfabetizador e desenvolvimento da leitura e da escrita

O processo de alfabetização não ocorre de maneira isolada, mas se constrói por meio das interações sociais, culturais e pedagógicas vivenciadas pela criança. Nesse sentido, Vygotsky (2008) afirma que o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica, sendo mediado pelas relações estabelecidas no contexto cultural.

A organização do ambiente alfabetizador exerce influência significativa sobre a forma como a criança compreende a linguagem escrita e constrói hipóteses acerca da leitura e da

escrita. Ferreiro (2001) destaca que a criança participa ativamente desse processo, desenvolvendo conhecimentos a partir das experiências e interações realizadas com diferentes portadores textuais.

Dessa forma, o ambiente alfabetizador não se restringe à disposição física da sala de aula, mas envolve elementos simbólicos, sociais e pedagógicos que favorecem o contato significativo com a linguagem escrita. A presença de livros, cartazes, jogos pedagógicos, produções textuais e diferentes gêneros discursivos amplia as possibilidades de aprendizagem e fortalece o interesse da criança pela leitura.

Segundo Soares (2020), alfabetização e letramento constituem processos indissociáveis, pois aprender a ler e escrever implica compreender os usos sociais da linguagem. Assim, práticas pedagógicas contextualizadas favorecem o desenvolvimento de competências linguísticas mais amplas e significativas.

Além dos recursos materiais, o ambiente alfabetizador envolve o clima emocional e as relações estabelecidas entre professor e aluno. Freire (1989) ressalta que a leitura do mundo antecede a leitura da palavra, evidenciando a importância de práticas pedagógicas vinculadas à realidade e às experiências sociais dos estudantes.

A compreensão contemporânea da alfabetização também exige a articulação entre alfabetização e letramento. Para Kleiman (2013), o desenvolvimento da leitura e da escrita deve ocorrer em contextos reais de uso da linguagem, nos quais os estudantes participem efetivamente de práticas sociais letradas. Nessa perspectiva, o ambiente alfabetizador favorece a inserção da criança em diferentes eventos de letramento, ampliando sua compreensão acerca das funções sociais da escrita.

7

2.2 Mediação pedagógica e formação docente

Mortatti (2019) destaca que a alfabetização constitui um campo historicamente marcado por diferentes concepções teóricas e metodológicas. Segundo a autora, as práticas alfabetizadoras precisam considerar simultaneamente os aspectos linguísticos, cognitivos, sociais e culturais envolvidos na apropriação da linguagem escrita. Dessa forma, a construção de ambientes alfabetizadores qualificados representa uma condição essencial para o desenvolvimento pleno das capacidades leitoras e escritoras.

A atuação do professor representa um dos principais elementos do ambiente alfabetizador, uma vez que a mediação pedagógica interfere diretamente na construção das

aprendizagens. O educador assume o papel de organizador de experiências, incentivando a participação, o diálogo e a construção coletiva do conhecimento.

Os saberes docentes são construídos continuamente no exercício profissional, exigindo formação permanente e reflexão crítica sobre a prática pedagógica. Nesse contexto, a formação continuada torna-se essencial para que o professor desenvolva estratégias pedagógicas capazes de atender às demandas contemporâneas da alfabetização.

Os desafios da alfabetização contemporânea exigem práticas pedagógicas que articulem teoria e prática, considerando as especificidades socioculturais dos estudantes e as transformações nas formas de comunicação.

Entretanto, muitos professores ainda enfrentam dificuldades relacionadas à limitação de recursos didáticos, ausência de apoio pedagógico e insuficiência de políticas de formação continuada. Essas condições impactam diretamente a qualidade das práticas educativas e dificultam a construção de ambientes alfabetizadores mais inclusivos e estimulantes.

2.3 Educação inclusiva e ambiente alfabetizador

A educação inclusiva amplia a compreensão sobre alfabetização ao reconhecer que os estudantes apresentam diferentes ritmos, necessidades e formas de aprendizagem. Nesse contexto, o ambiente alfabetizador precisa considerar estratégias acessíveis que favoreçam a participação de todos os alunos.

De acordo com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva a escola deve garantir condições adequadas de acesso, permanência e aprendizagem para estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades.

Para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e deficiência intelectual, práticas pedagógicas estruturadas, recursos visuais, rotinas organizadas e mediações individualizadas contribuem significativamente para o desenvolvimento das habilidades linguísticas.

Segundo Vygotsky (1997), as interações sociais e as mediações culturais desempenham papel fundamental no desenvolvimento cognitivo. Assim, ambientes alfabetizadores inclusivos favorecem não apenas a aprendizagem acadêmica, mas também o desenvolvimento social e emocional dos estudantes.

Além disso, a atuação coletiva da equipe escolar fortalece a construção de práticas inclusivas mais efetivas. A articulação entre professores regentes, profissionais especializados e gestão escolar contribui para estratégias pedagógicas mais acessíveis e contextualizadas.

Outro aspecto relevante refere-se à necessidade de flexibilização curricular no processo de alfabetização inclusiva. As práticas pedagógicas devem considerar as especificidades cognitivas, emocionais e comunicacionais dos estudantes, garantindo diferentes formas de participação nas atividades escolares. Nesse sentido, o uso de materiais adaptados, recursos táteis, comunicação alternativa e atividades multisensoriais favorece a aprendizagem e amplia as possibilidades de interação com a linguagem escrita. Conforme Mantoan (2020), a inclusão escolar exige mudanças estruturais e pedagógicas capazes de assegurar o direito à aprendizagem em condições de equidade.

Além das adaptações pedagógicas, o fortalecimento da parceria entre escola e família também exerce influência significativa no desenvolvimento da alfabetização inclusiva. Quando a família participa das experiências de leitura e acompanha o processo de aprendizagem da criança, há maior continuidade entre os estímulos escolares e as vivências cotidianas. Essa articulação favorece a segurança emocional dos estudantes e contribui para práticas pedagógicas mais coerentes com suas necessidades. Dessa forma, a construção de um ambiente alfabetizador inclusivo depende não apenas dos recursos físicos e metodológicos, mas também do compromisso coletivo entre escola, família e comunidade na promoção de uma educação mais democrática e humanizada.

2.4 Multiletramentos e tecnologias digitais

As transformações sociais e tecnológicas ampliaram as formas de leitura, escrita e comunicação, exigindo da escola novas práticas de alfabetização e letramento. Nesse cenário, o conceito de multiletramentos ganha relevância ao considerar diferentes linguagens, mídias e formas de produção textual.

Rojo (2012) afirma que as práticas contemporâneas de letramento exigem que a escola incorpore novas linguagens e tecnologias digitais, formando sujeitos capazes de atuar criticamente na sociedade.

O uso de recursos multimodais, aplicativos educativos, vídeos, jogos digitais e plataformas interativas amplia as possibilidades do ambiente alfabetizador e favorece

experiências pedagógicas mais dinâmicas e significativas. Entretanto, é necessário que o uso dessas tecnologias ocorra de maneira intencional e articulada aos objetivos pedagógicos.

Os processos de letramento contemporâneo exigem práticas que ultrapassem o ensino mecânico da leitura e da escrita, promovendo experiências sociais, críticas e colaborativas.

Os multiletramentos envolvem não apenas a leitura de textos escritos, mas também a interpretação de imagens, vídeos, hipertextos, sons e diferentes formas de linguagem presentes na cultura digital. Dessa maneira, a alfabetização contemporânea precisa considerar as múltiplas formas de comunicação utilizadas pelas crianças em seu cotidiano. O contato frequente com dispositivos tecnológicos, redes sociais, plataformas digitais e conteúdos audiovisuais modifica as formas de aprender, interagir e produzir conhecimento, exigindo da escola práticas pedagógicas mais próximas dessa realidade.

Nesse contexto, o professor assume papel fundamental como mediador do uso crítico das tecnologias digitais. Não se trata apenas de inserir equipamentos tecnológicos na sala de aula, mas de desenvolver práticas pedagógicas que estimulem a reflexão, a criatividade, a autonomia e a participação ativa dos estudantes. Segundo Moran (2018), as tecnologias digitais favorecem metodologias mais participativas e colaborativas, possibilitando experiências de aprendizagem mais significativas quando utilizadas de maneira planejada e contextualizada.

10

Além disso, o uso das tecnologias digitais no ambiente alfabetizador pode favorecer processos inclusivos, especialmente para estudantes com dificuldades de aprendizagem ou necessidades educacionais específicas. Recursos como softwares educativos, audiolivros, leitores digitais, jogos interativos e ferramentas de comunicação alternativa ampliam as possibilidades de participação e aprendizagem. Essas estratégias contribuem para tornar o processo de alfabetização mais acessível, estimulante e adaptado às diferentes formas de aprender.

Outro aspecto importante refere-se ao desenvolvimento do pensamento crítico diante do grande volume de informações disponíveis no ambiente digital. A escola passa a ter o desafio de formar leitores capazes de interpretar, selecionar e avaliar criticamente conteúdos presentes nas mídias digitais. Assim, os multiletramentos não se limitam ao domínio técnico das ferramentas tecnológicas, mas envolvem também competências relacionadas à ética, à cidadania digital e à compreensão crítica da informação.

Apesar das contribuições das tecnologias digitais para o ambiente alfabetizador, ainda existem desafios relacionados à desigualdade de acesso aos recursos tecnológicos, à formação

docente insuficiente e às limitações estruturais das instituições de ensino. Muitas escolas ainda enfrentam dificuldades para integrar efetivamente as tecnologias às práticas pedagógicas, o que evidencia a necessidade de investimentos em infraestrutura, formação continuada e políticas públicas voltadas à inclusão digital.

Dessa forma, compreender os multiletramentos e as tecnologias digitais como parte do ambiente alfabetizador significa reconhecer que os processos de leitura e escrita ultrapassam os modelos tradicionais de ensino. A alfabetização contemporânea exige práticas pedagógicas mais flexíveis, interativas e contextualizadas, capazes de preparar os estudantes para atuar de maneira crítica, criativa e participativa em uma sociedade marcada pela cultura digital.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das produções científicas selecionadas permitiu identificar que o ambiente alfabetizador exerce influência significativa sobre o desenvolvimento da leitura e da escrita, especialmente quando associado a práticas pedagógicas intencionais, inclusivas e contextualizadas.

Os estudos analisados demonstram que ambientes organizados com diversidade de materiais escritos favorecem a participação dos estudantes e ampliam as possibilidades de construção do conhecimento. Ferreiro (2001) enfatiza que a criança desenvolve hipóteses sobre a escrita a partir das interações realizadas com o meio, o que evidencia a importância de experiências concretas e significativas.

Observou-se também que a mediação docente constitui elemento essencial no processo de alfabetização. Professores que utilizam metodologias participativas, valorizam a oralidade e promovem situações reais de leitura e escrita contribuem para aprendizagens mais consistentes e contextualizadas.

Nesse aspecto, Freire (1989) destaca que a alfabetização não pode ser reduzida a práticas mecânicas e descontextualizadas, devendo possibilitar a compreensão crítica da realidade. Tal perspectiva dialoga com os estudos contemporâneos sobre letramento, que compreendem a linguagem como prática social.

Outro aspecto relevante identificado na análise refere-se à inclusão escolar. Os estudos apontam que estudantes com necessidades educacionais específicas apresentam avanços significativos quando inseridos em ambientes estruturados, acessíveis e mediados por práticas pedagógicas flexíveis.

As pesquisas recentes analisadas também evidenciam que o uso de tecnologias digitais e recursos multimodais amplia as experiências de alfabetização, favorecendo o interesse e a participação dos estudantes. Entretanto, alguns autores alertam para a necessidade de formação docente adequada para utilização crítica e pedagógica dessas ferramentas.

Ao confrontar os autores analisados, percebe-se convergência quanto à importância do ambiente alfabetizador como elemento central da aprendizagem. Contudo, há diferenças em relação às abordagens metodológicas utilizadas pelos pesquisadores. Enquanto Ferreiro enfatiza os processos cognitivos da construção da escrita, Freire prioriza a dimensão crítica e social da alfabetização. Já Rojo (2012) amplia essa discussão ao incorporar os multiletramentos e as práticas digitais contemporâneas.

Essas perspectivas não se excluem; ao contrário, complementam-se ao evidenciar que a alfabetização envolve dimensões cognitivas, sociais, culturais e tecnológicas. Dessa forma, a construção de ambientes alfabetizadores eficazes depende de práticas pedagógicas integradas e sensíveis às múltiplas realidades dos estudantes.

Além das contribuições de Ferreiro, Freire e Rojo, observa-se convergência com os estudos de Soares (2020), Kleiman (2013) e Mortatti (2019), que defendem a alfabetização articulada às práticas sociais de leitura e escrita. Esses autores ressaltam que a aprendizagem da linguagem escrita torna-se mais significativa quando ocorre em ambientes que favorecem a participação ativa dos estudantes e possibilitam o contato permanente com diferentes gêneros textuais. Tal compreensão reforça a necessidade de ambientes alfabetizadores que transcendam a dimensão física da sala de aula e se constituam como espaços de interação, produção cultural e construção coletiva do conhecimento.

De maneira geral, os resultados analisados reforçam que o ambiente alfabetizador ultrapassa a dimensão física da sala de aula, envolvendo relações interpessoais, práticas pedagógicas, recursos didáticos, experiências culturais e intencionalidade docente. Quando esses elementos se articulam de forma planejada e contextualizada, a aprendizagem da leitura e da escrita ocorre de maneira mais significativa, favorecendo o desenvolvimento da autonomia, da criatividade e da participação ativa dos estudantes.

Além disso, os estudos evidenciam que ambientes alfabetizadores organizados de maneira inclusiva contribuem não apenas para o desempenho acadêmico, mas também para o fortalecimento das relações sociais e emocionais no contexto escolar. A valorização das experiências individuais, o respeito às diferenças e a construção de práticas pedagógicas mais

dialógicas favorecem um ambiente de aprendizagem mais democrático, acolhedor e participativo.

Outro aspecto relevante refere-se à necessidade de superação de práticas tradicionais centradas exclusivamente na repetição mecânica de conteúdos. Os resultados apontam que metodologias participativas, associadas ao uso de diferentes linguagens e recursos tecnológicos, ampliam as possibilidades de interação com a leitura e a escrita, tornando o processo de alfabetização mais dinâmico, crítico e significativo.

Nesse sentido, percebe-se que o ambiente alfabetizador deve ser compreendido como um espaço vivo de construção do conhecimento, no qual a criança se reconhece como sujeito ativo do próprio aprendizado. A atuação do professor, articulada às políticas educacionais, à formação continuada e às demandas contemporâneas da educação inclusiva e digital, torna-se fundamental para garantir práticas alfabetizadoras mais críticas, humanizadas e socialmente comprometidas.

Tabela 1 – Relação entre ambiente alfabetizador e desenvolvimento da aprendizagem

Tipo de ambiente alfabetizador	Participação dos alunos	Desenvolvimento da leitura e escrita	Inclusão e interação
Ambiente estruturado e rico em estímulos	Elevada	Aprendizagem significativa	Maior participação
Ambiente parcialmente estruturado	Moderada	Desenvolvimento intermediário	Participação parcial
Ambiente pouco estruturado	Reduzida	Dificuldades persistentes	Baixa interação

Fonte: Elaborado pela autora com base nos estudos analisados.

Os dados sintetizados demonstram que ambientes alfabetizadores estruturados favorecem significativamente o desenvolvimento das competências linguísticas, além de ampliar a participação e o engajamento dos estudantes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo possibilitou compreender que o ambiente alfabetizador exerce papel fundamental no desenvolvimento da leitura e da escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Mais do que um espaço físico organizado, ele envolve relações sociais, práticas pedagógicas, mediações docentes e experiências significativas com a linguagem escrita.

Ao longo deste estudo, foi possível perceber o quanto o ambiente alfabetizador tem um papel essencial no desenvolvimento da leitura e da escrita, especialmente nos anos iniciais do ensino fundamental. Mais do que um espaço físico organizado, ele se constrói nas relações, nas experiências vividas e nas práticas que fazem sentido para a criança. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi alcançado ao evidenciar que a forma como o ambiente é planejado e conduzido pelo professor interfere diretamente no processo de aprendizagem.

Os resultados evidenciaram que ambientes ricos em estímulos, associados a metodologias inclusivas e contextualizadas, favorecem a participação dos estudantes e contribuem para aprendizagens mais significativas. Além disso, observou-se que a atuação do professor, por meio de práticas mediadoras e intencionais, constitui elemento essencial para o fortalecimento do processo de alfabetização.

A pesquisa também demonstrou que a inclusão escolar exige ambientes alfabetizadores mais acessíveis, flexíveis e acolhedores, capazes de atender às diferentes necessidades dos estudantes. Nesse sentido, a formação continuada dos professores e o trabalho coletivo da equipe escolar tornam-se fundamentais para a consolidação de práticas pedagógicas mais democráticas.

Outro aspecto relevante refere-se à incorporação das tecnologias digitais e dos multiletramentos nas práticas alfabetizadoras, ampliando as possibilidades de aprendizagem e aproximando a escola das demandas contemporâneas.

14

Como limitação da pesquisa, destaca-se o fato de ter sido desenvolvida exclusivamente por meio de revisão bibliográfica, sem realização de investigação empírica em contexto escolar. Dessa forma, sugere-se que estudos futuros realizem pesquisas de campo, estudos de caso ou análises documentais que aprofundem a compreensão sobre o impacto do ambiente alfabetizador na prática educativa.

Conclui-se, portanto, que investir na construção de ambientes alfabetizadores inclusivos, críticos e significativos representa um importante caminho para o fortalecimento da alfabetização e para a garantia do direito à aprendizagem.

Como limitação deste estudo, destaca-se o fato de ter sido desenvolvido a partir de revisão bibliográfica e reflexões da prática, sem a realização de uma pesquisa de campo. Isso não diminui sua relevância, mas indica a necessidade de novos estudos que possam aprofundar essa discussão a partir da realidade concreta das escolas.

Dessa forma, fica evidente que investir na construção de um ambiente alfabetizador mais acolhedor, dinâmico e intencional é fundamental para garantir uma alfabetização de qualidade. Mais do que aprender a ler e escrever, trata-se de formar sujeitos capazes de compreender o mundo ao seu redor, se expressar e participar ativamente da sociedade.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emilia. *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2001. FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1989.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

KLEIMAN, Ângela B. *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Alfabetização no Brasil: uma história de sua história*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SOARES, Magda. *Alfabetização: a questão dos métodos*. São Paulo: Contexto, 2020. VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Fundamentos de defectologia*. Havana: Pueblo y Educación, 1997.